

Teatro na Capital-3

ERA UMA VEZ O “ZOMOLA”

Teatro é um problema muito importante para os jovens do grupo «Zomola», da Escola Secundária Francisco Manyanga. Estrearam-se em Dezembro do ano passado com «Quinita», no Teatro Avenida e ensaiam agora «Adriano, o Professor», uma nova peça do mesmo aluno, António Vaz.

Felismina Armando, de 15 anos de idade, da 9.ª classe, é a porta-voz do grupo: «Fazer teatro é muito importante para nós. Mas não nos tomam a sério, as pessoas adultas pensam que isto é uma brincadeira nossa. E não entendem que para nós o teatro não é brincadeira nenhuma. É uma coisa muito grande e muito séria».

«QUINITA»

António dos Santos Vaz, de 19 anos de idade, aluno da 7.ª classe, autor das duas peças — e de mais uma terceira que anda em germinação na sua cabeça — conta que sempre sentiu inclinação para as artes. «No princípio interessava-me mais pela música, era vocalista de um conjunto. Depois veio a fase da poesia, mas quando vi «Xiluva» virei-me para o teatro. Até porque o nosso teatro é isso mesmo, é música, é poesia, é drama. Pensei que era capaz de escrever uma peça. Pôs-me a pensar nisso, depois chamei os amigos, nasceu Quinita».

«No princípio éramos só duas meninas e 7 rapazes — recorda Felismina, a «Quinita» da peça — Depois apareceram outros colegas das nossas turmas, viram, gostaram, pediram



para entrar. Então o António Vaz começou a trabalhar a peça, a aumentá-la para dar lugar a todos nós».

«Escrevi o texto sozinho, baseado na vida desta cidade — explica António — Para mim, uma peça de teatro deve retratar uma certa realidade que nos diga respeito, deve aconselhar, mas sempre com base em alguma coisa da nossa vida, para que as pessoas a sintam. «Quinita» foi uma tentativa de retratar a mulher da nossa cidade. É uma mulher muito jovem, muito fácil de ser levada e a quem a ambição faz acumular fracassos. Aí entram os cooperantes, a «Loja Franca», as «boites», essas coisas. Mas tem a sorte de ter uma amiga que a aconselha e então a peça acaba bem: «Quinita» volta para casa».

«ADRIANO, O PROFESSOR»

Sónia Caseiro e Graça Trindade, ambas com 14 anos de idade e alunas da 8.ª classe. Graça Maria, de

17 anos e da mesma classe e Cândida Quintano, de 18 anos e da 9.ª classe, vão fazer a sua estreia na próxima peça do «Zomola».

É uma estória que também foi inspirada na nossa vida na escola, nos professores — explica Carlos António Manjate, de 18 anos de idade, da 9.ª classe — tem um pouco de ficção e muito de realidade, pois coloca problemas políticos, sociais e profissionais».

Os ensaios tiveram início em Março, duas vezes por semana, sempre depois das aulas, para não prejudicar os estudos. É uma peça que lhes parece bastante mais bem acabada do que a anterior, até porque todos já adquiriram mais experiência ao longo deste ano. «Tem seis actos, muita música e eu toco bateria. Talvez daqui a um mês e picos a gente a possa estreiar, depende mais da programação do Teatro Avenida do que nós. Parece que ainda temos dois grupos à nossa frente».

Cândida faz de professora. «Mas sou uma professora muito especial,

que tenho um bom diálogo com as alunas, até porque também sou vítima do professor Adriano. Ele era um homem muito corrupto, que abusava do seu privilégio de ser professor. Está-me a perguntar se ser professor é um privilégio? Pois claro que é! É preciso saber sê-lo, merecer sê-lo, não é verdade? E Adriano não sabia. Eu vejo que ele tem um comportamento um bocado esquisito e passo a ser uma espécie de conselheira para as minhas alunas».

Sónia faz o papel de estudante que está sempre a mexericar. «Toda a vida sonhei subir a um palco, mas agora ando um pouco nervosa com a ideia de toda aquela gente a olhar para mim. Sei que depois vai passar».

Graça explica que sempre suspirou em cima dos programas do «Tchova», mas que nunca tinha conseguido assistir a nenhuma peça por causa dos horários. «Logo que vi a «Quinita» gostei, pedi para entrar na próxima e aqui estou. Quero continuar sempre a fazer teatro. As minhas amigas também pensam o mesmo».